

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

# Intraduzíveis, intraduções e temporalidades em Barbara Cassin e Augusto de Campos

Untranslatables, *intraduções* and temporalities in  
Barbara Cassin and Augusto de Campos

Alice Leal  
Universidade de Witwatersrand, África do Sul

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e87024>

## Resumo

A publicação do *Vocabulaire Européen des Philosophies : Le Dictionnaire des Intraduisibles* (2004), coordenado por Barbara Cassin, causou uma reviravolta nos estudos da tradução por retomar a *bête noire* da intraduzibilidade – afinal, atualmente, dizer que tudo é sempre traduzível tornou-se um truismo. Este artigo se debruça sobre a noção de intraduzível na filosofia de Cassin, aproveitando, além disso, o gancho proposto por Fernando Santoro em 2014 com o conceito de “intradução”, o famoso neologismo cunhado por Augusto de Campos nos anos 70. Em que medida os intraduzíveis de Cassin advêm de uma ideia nostálgica de originalidade como completude e *marco inicial* de um determinado conceito? Os intraduzíveis de fato se pautam por uma noção logocêntrica de tradução, como sugere, por exemplo, Lawrence Venuti? Os intraduzíveis podem ser lidos à luz das “intraduções” de Campos, como traduções *temporárias*, inevitavelmente presas *entre línguas* e oriundas de *intervenções* de tradutoras? Como as “intraduções” (Campos) e os intraduzíveis (Cassin) se enquadram na *temporalidade* de uma dada palavra? E faz sentido falar de intraduzibilidade hoje – ou qualquer menção nesse sentido presta um desserviço aos estudos da tradução? Essas são as principais perguntas que permeiam o presente trabalho.

Palavras-chave: intraduzíveis; intraduções; estudos da tradução.

## Abstract

The debate surrounding translatability has recently been reignited by the publication of the *Vocabulaire européen des philosophies : Dictionnaire des intraduisibles*, under the auspices of Barbara Cassin. After all, it had become a truism to state that everything is always translatable. This paper scrutinises the notion of untranslatable in Cassin's philosophy while also drawing insight from the parallel – originally suggested by Fernando Santoro – between Cassin's untranslatables and Augusto de Campos's “intraduções”, Campos's well-known neologism from the 1970s. To what extent do Cassin's untranslatables stem from a nostalgic notion of originality as completeness and “ground zero” of a given word? Are Cassin's untranslatables undergirded by a logocentric, outdated notion of translation, as put forth, for example, by Lawrence Venuti? Can Campos's “intraduções” shed light on Cassin's untranslatables, both as results of translators' *interventions* and as *temporary* translations caught *between languages*? How do “intraduções” and untranslatables fit into the *temporality* of a word? And, finally, does it make sense to speak of untranslatability today, or any word to this effect does a disservice to translation studies? These are the main questions that permeate this paper.

Keywords: untranslatables; intraduções; translation studies.

... é possível contar a história da filosofia a partir das etapas da tradução de um texto ou até mesmo de uma única palavra vinda de outras línguas ou outras épocas.

Fernando Santoro

## 1. Introdução

A traduzibilidade figura entre esses temas recorrentes e controversos em torno da tradução. É possível traduzir entre línguas e, caso afirmativo, em que medida? É da traduzibilidade que advêm as noções de equivalência e fidelidade – se traduzir é possível, quão “próximas” as traduções se mantêm dos seus respectivos originais? Também ela pode ser considerada responsável por boa parte da negatividade associada à tradução, pois por mais que, no senso comum, predomine a ideia de que tudo é, de um jeito ou de outro, traduzível, essa traduzibilidade é sempre limitada e marcada por perdas – outra figura carimbada na área da tradução. A traduzibilidade já teve seus méritos perscrutados, seja direta ou indiretamente, por muitos dos “grandes nomes” do pensamento ocidental, de Platão e Aristóteles a Jacques Derrida e Paul Ricoeur, passando por Wilhelm von Humboldt, Ludwig Wittgenstein e tantos outros.<sup>1</sup>

Nos estudos da tradução propriamente ditos, parece haver menos apetite para qualquer elucubração em torno da noção de (in)traduzibilidade. Qualquer questionamento em torno desse conceito espinhoso sugeriria a expectativa de que línguas fossem unidades estáticas e monolíticas, cujos significados podem ser depreendidos diretamente e transferidos para outra língua. Sugeriria a esperança ingênuo de que conceitos semanticamente carregados, como “saudade”, “Fernweh” ou “flâneur”, sejam completamente

---

1 Cf. LEAL, Alice. “Equivalence”, 2019, p. 224-226.

traduzíveis, em todas as suas nuances e em uma única palavra, em qualquer outra língua e contexto.

Diante desse pano de fundo, o presente artigo se debruça sobre a polêmica instaurada em torno do *Vocabulaire Européen des Philosophies : Le Dictionnaire des Intraduisibles* (2004)<sup>2</sup>, coordenado pela filósofa francesa Barbara Cassin e traduzido para diversas línguas, inclusive o português. As “intraduções” de Augusto de Campos entram em cena aqui como contraponto aos intraduzíveis de Cassin, levando a uma discussão acerca da temporalidade das “intraduções” e dos intraduzíveis.

As principais questões abordadas aqui são as seguintes. (1) Em que medida os intraduzíveis de Cassin advêm de uma ideia nostálgica de originalidade como completude e marco inicial de um determinado conceito? (2) Os intraduzíveis de fato se pautam por uma noção logocêntrica e *passé* de tradução, como sugere, por exemplo, Lawrence Venuti em seu comentário de 2016 acerca da tradução estadunidense do *Dictionnaire*, publicada em 2014? (3) Será que os intraduzíveis podem ser lidos à luz das “intraduções” de Campos, como traduções temporárias, sugestões, enfim, inevitavelmente presas entre línguas e oriundas de intervenções de tradutoras? (4) Como as “intraduções” (Campos) e os intraduzíveis (Cassin) se enquadram na temporalidade de uma dada palavra? E (5) faz sentido falar de intraduzibilidade hoje – ou qualquer menção nesse sentido presta um desserviço aos estudos da tradução em sua busca incansável por legitimidade e reconhecimento nas humanidades?

## 2. Os intraduzíveis de Barbara Cassin

O *Vocabulaire Européen des Philosophies : Le Dictionnaire des*

---

2 CASSIN, Barbara. *Vocabulaire Européen des Philosophies*, 2004.

*Intraduisibles* foi publicado em 2004 em francês, sob a coordenação de Cassin; em 2014 em inglês, sob o título *Dictionary of Untranslatable: A Philosophical Lexicon* e sob os auspícios de Emily Apter, Jacques Lezra e Michael Wood; e a partir de 2018 (ano de publicação do primeiro volume) em português, sob o título *Dicionário dos intraduzíveis: Um vocabulário das filosofias* e sob a coordenação de Fernando Santoro e Luisa Buarque – para mencionar apenas duas das diversas traduções do volume que vêm surgindo na última década, para línguas como árabe, farsi, hebraico, italiano e ucraniano, entre outras.

Fruto de um projeto de mais de 10 anos de pesquisa, envolvendo mais de 150 pesquisadores no mundo todo, o original francês nasceu de uma espécie de visada filosófica de Cassin, evidenciada em obras anteriores e posteriores<sup>3</sup> ao *Dictionnaire* nas quais ela aborda (i) o desejo de pensar a filosofia para além dos limites e filtros impostos pelo pensamento anglófono, e (ii) uma nova sofística da tradução, inspirada principalmente na obra de Protágoras<sup>4</sup>. Em termos concretos, para Cassin, falar de intraduzibilidade *não* significa falar de palavras que *não podem ser traduzidas*, senão de palavras cujas traduções em diferentes línguas apontam em direções distintas, colocam novas redes semânticas em jogo, abrem novas cadeias de significação e, por esses motivos todos, são sempre retraduzidas. Ora, a rigor, qualquer tradução de qualquer palavra se encaixa nessa categoria. O esforço de Cassin e sua equipe, no entanto, foi de compor um dicionário de termos filosóficos cujas traduções e ressignificações são especialmente interessantes e impactantes em seus respectivos arcabouços filosóficos.

Cassin salienta que os intraduzíveis nada mais são do que “os sintomas

<sup>3</sup> Cf. CASSIN, Barbara. “De l’intraduisible en philosophie”, 1995. *Idem. Philosopher en langues*, 2014. *Idem, Éloge de la traduction*, 2016.

<sup>4</sup> Cf. VÉSGÖ, Roland. “Current trends in philosophy and translation”, 2019, p. 165-168.

semânticos e/ou sintáticos das diferenças entre as línguas”<sup>5</sup>, diferenças essas que trazem à tona dois *insights*, por sua vez atrelados aos pontos (i) e (ii) acima. (I) Dada a hegemonia<sup>6</sup> do inglês como uma espécie de “língua franca” global<sup>7</sup>, os intraduzíveis nos recordam do fato de que línguas não são meros instrumentos monolíticos e, sobretudo, neutros, de comunicação, mas sim organismos vivos intimamente atados aos seus contextos de atuação. Os intraduzíveis nos recordam que uma língua franca não basta para as nossas necessidades comunicativas e expressivas, e que falar das diferenças entre línguas é também celebrar essas diferenças – indo de encontro, por exemplo, à filosofia analítica, que busca até hoje meios de “domar” essas diferenças. Nesse sentido, desatar as “amarras” da língua inglesa<sup>8</sup> significa não só colocar outras línguas sob os holofotes, mas também transcender preceitos filosóficos anglófonos. (II) Falar de intraduzíveis é falar de traduções diferentes, feitas por sujeitos distintos, em contextos e para públicos singulares. A sofística de Cassin não nos permite julgar uma tradução categoricamente como certa ou errada, boa ou ruim, nem tampouco nos *impede* de ponderar os méritos relativos de uma tradução. Essa ponderação, porém, é sempre no sentido de uma tradução “melhor” ou “pior” para os propósitos em questão. Nesse contexto, até os chamados “erros” de tradução têm o seu papel, pois passam a fazer parte da cadeia de significação de uma determinada palavra em sua respectiva tradição filosófica.

---

5 CASSIN, Barbara. *Éloge de la traduction*, 2016, p. 54 (minha tradução).

6 Podemos entender “hegemonia” no sentido gramsciano aqui. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Prison notebooks*, 1992.

7 Não é possível abordar aqui a questão espinhosa do papel da língua inglesa no mundo todo atualmente, nem tampouco a pergunta quanto à possibilidade de neutralidade (política, cultural, econômica, etc.) do inglês, implícita no epíteto “língua franca”. Cf. LEAL, Alice. *English and translation in the European Union*, 2021, p. 26-38.

8 Pensemos aqui na noção de “epistemicídio” proposta por Boaventura de Sousa Santos e adaptada por Karen Bennett como “the obliteration of an alternative way of construing knowledge” que não corresponda aos padrões retóricos e de pensamento de língua inglesa. Segundo Bennett, “*texts translated into English have to be heavily domesticated in order to ensure publication, while translations out of English tend to stick very closely to the original*”. BENNETT, Karen. “English as a lingua franca in academia”, 2013, p. 171.

Na filosofia de Cassin, os intraduzíveis desempenham um papel fundamental. A partir deles, ela não só desenvolve uma filosofia pautada pelos itens (i) e (ii) acima, mas também lança nova luz sobre velhos pilares da filosofia ocidental. Destaco, aqui, por exemplo, três desses “pilares” que ela mesma ressalta em seu prefácio ao *Dictionnaire*. O primeiro se refere à noção humboldtiana de *Energeia*: para Humboldt, línguas são uma espécie de trabalho ou processo incessante e nunca acabado, *Energeia*, em vez de produto pronto e acabado, *Ergon*<sup>9</sup>. Cassin reaproveita essa “sacada” para enquadrar a tradução – e o próprio *Dictionnaire* – como *Energeia*, inevitavelmente *works in progress* que se perpetuam nas próximas traduções. O objetivo não é chegar à tradução definitiva, correta, final, pois ela não existe, e o objetivo do jogo é justamente continuar jogando. Nesse sentido, o *Dictionnaire* documenta esse jogo em suas etapas, pontos altos e jogadas mais polêmicas, e constitui, por si só, um lance nesse mesmo jogo, que continua com cada nova tradução.

O segundo elemento da filosofia ocidental resgatado e destacado por Cassin é a universalidade dos conceitos tal como a concebe Friedrich Schleiermacher. Para o filósofo alemão, existe uma tensão entre a expressão linguística de um conceito (a palavra) e sua inevitável pretensão à universalidade<sup>10</sup>. Ora, a palavra não existe isoladamente; todas as outras palavras e suas respectivas cadeias significativas se influenciam mutuamente dentro (e para além) de uma determinada língua. À revelia de qualquer pretensão à universalidade, conceitos permanecem atados a suas línguas

---

<sup>9</sup> Cf. HUMBOLDT, Wilhelm von. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues*, 1836, 50. Cf. *idem. Schriften zur Sprachphilosophie*, 1963, 418.

<sup>10</sup> Nas palavras de Schleiermacher, aqui traduzidas por Margarete von Mühlen Poll, “...cada língua (...) contém um só sistema de conceitos que, por se tocarem, interligarem, completarem na mesma língua, são um todo cujas partes separadas não correspondem, porém, a nenhuma outra do sistema de outras línguas... Mesmo o simplesmente geral (...) é iluminado e colorido por elas”. SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersezens”, 2001, p. 76. Cf. CASSIN, Barbara. “Présentation”, 2004, p. xx.

e por ela nuançados. Pensemos aqui nas noções de *différance* e *trace* de Derrida para ilustrar essa reflexão, ainda que sem nos aprofundarmos nessa direção, algo que realizamos anteriormente no texto “Equivalence” (vide nota de rodapé 11 abaixo). A língua sempre coloca a *différance* em jogo, um processo de diferenciação e de diferimento entre signos *ad infinitum*, e esse transitar de um signo para o outro deixa traços ou vestígios de signos uns nos outros.<sup>11</sup>

Voltando ao *Dictionnaire*, falar de termos universais é entender que essa universalidade está circunscrita na historicidade da língua em questão, e que a língua em si é orgânica e holística, de modo que as “trajetórias” de todos os signos se impactam mutuamente. Santoro leva essa discussão para além da questão das diferenças entre línguas no *Dictionnaire*. Ele traz o tema da diferença entre pensamento e palavra para o primeiro plano, identificando nessa “passagem” de um para o outro já uma tradução: “[u]ma vez instalada a evidência da separação original entre palavra e pensamento e na falha do universal, toda palavra será insuficiente; uma correção se faz necessária e, também, a correção da correção e assim por diante”<sup>12</sup>.

O terceiro elemento realçado na filosofia de Cassin e abordado aqui vem de Martin Heidegger e refere-se à “sacralização” do grego e do alemão como línguas filosóficas por excelência. Cassin se distancia dessa postura, que ela rotula de “nacionalismo ontológico” (termo emprestado de Jean-Pierre Lefebvre) e cuja semente ela identifica já em Johann Gottfried Herder. Para Cassin, esse nacionalismo ontológico pautado por uma essencialização do “gênio” de determinadas línguas se encontra no polo diametralmente oposto ao da voga do inglês como “língua franca”, que a seu ver é baseado numa espécie de universalismo lógico indiferente às línguas e às diferenças

11 Cf. LEAL, Alice. “Equivalence”, 2019, p. 236-237.

12 SANTORO, Fernando. “Intraduction”, 2014, p. 170.

entre elas<sup>13</sup>. Sua filosofia como um todo rejeita ambos os extremos, propondo ao contrário deles a celebração da multiplicidade linguística. Em outras palavras, seu intuito é colocar as línguas e suas diferenças sempre em primeiro plano, sem nem idealizar ou endeusar qualquer língua em particular (nacionalismo ontológico), nem passar por cima dessas diferenças em nome de uma inteligibilidade achatada e “universal” (inglês como “língua franca”).

Diante dessas reflexões que permeiam a filosofia de Cassin, entendemos o *Dictionnaire* como uma tentativa de tematizar e celebrar tanto as diferenças entre línguas e dentro de uma só língua, quanto as traduções e seu papel indispensável nesse jogo entre significações. Como Cassin mesma salienta, o objetivo foi fazer das notas de rodapé dos tradutores o corpo do texto, o texto em si<sup>14</sup>. Nesse sentido, o resumo da concepção de tradução do volume, empreendido por Santoro, é especialmente relevante: “... não mais um conjunto de acontecimentos linguísticos que erram o alvo do sentido, mas palavras que desencadearam e continuam desencadeando uma renovação no pensamento, capaz de perceber na diferença a abundância do sentido<sup>15</sup>”.

À luz dessas reflexões, podemos já esboçar uma resposta à primeira pergunta feita na introdução acima: em que medida os intraduzíveis de Cassin advêm de uma ideia nostálgica de originalidade como completude e marco inicial de um determinado conceito? Tomados dentro do projeto intelectual de Cassin, os intraduzíveis claramente vêm na contramão de uma concepção logocêntrica de língua e tradução. Nenhuma língua ou palavra é idealizada como original e perfeita; nenhuma tradução censurada por não corresponder à completude do original. Há quem diga, como veremos na próxima seção, que a tradução estadunidense do *Dictionnaire* idealiza, sim, os originais como perfeitos, criticando traduções (tachadas de *mistranslations*)

13 Cf. CASSIN, Barbara. “Présentation”, 2004, p. xx.

14 Cf. CASSIN, Barbara. *Éloge de la traduction*, 2016, p. 54.

15 SANTORO, Fernando. “Intraduction”, 2014, p. 172.

por não estarem à altura dos seus originais. Voltaremos a essa escaramuça a seguir.

### 3. Os intraduzíveis como francocêntricos e logocêntricos

Desde a publicação do *Dictionnaire* – sobretudo desde a publicação da sua tradução nos EUA – ouve-se muito a pergunta “por que falar em intraduzíveis em um volume repleto de traduções?” Penso aqui mais recentemente nas discussões do grupo “Philosophy in/on translation”, que reúne colegas do campo dos estudos filosóficos e da tradução do mundo todo. De fato, parece haver uma contradição fundamental. O paradoxo, porém, é produtivo e representativo da tradução: toda tradução é também uma não-tradução – é tentativa frustrada e novo original, é perda e ganho, é impossível e amplamente possível. Derrida entra em cena novamente, com sua constatação paradoxal de que tudo é traduzível e também intraduzível<sup>16</sup>. Embarcando na sofística de Cassin – pensemos no sentido mais pejorativo do termo –, solicito do leitor uma certa disposição para lidar com paradoxos.

Sigamos o raciocínio de Derrida: tudo é traduzível, mas não completamente traduzível. Ora, se tudo fosse completamente traduzível, línguas não seriam nada mais do que listas de palavras que remeteriam à mesma fonte<sup>17</sup>. Seria o sonho realizado da filosofia analítica e de tantas outras tradições filosóficas pautadas por uma idealização de alguma forma de *logos* (pensemos aqui nas teorias linguísticas que George Steiner agrupa sob a rubrica “universalista”<sup>18</sup>). Seria a condição fundamental para o desenvolvimento de ferramentas perfeitas de tradução automática. Seria

16 Cf. DERRIDA, Jacques. “What is a ‘relevant’ translation?”. 2001, p. 178.

17 Ferdinand de Saussure já alertava para o fato de que línguas não são listas de palavras. Cf. SAUSSURE, Ferdinand de. Course in general linguistics, 1986, p. 115-117. Cf. LEAL, Alice. *English and translation in the European Union*, 2021, p. 10.

18 Cf. STEINER, George. After Babel, 1998, p. 76-114. Cf. LEAL, “Equivalence”, 2019.

também a morte do texto original, que não teria nada de singular, único, nada que valesse a pena, em outras palavras, traduzir para culturas diferentes.

O outro lado da moeda, seguindo ainda a reflexão de Derrida, está no fato de que tudo é igualmente intraduzível, mas não completamente intraduzível. Se tudo fosse completamente intraduzível, reinaria um determinismo linguístico de tal modo acirrado, que nenhum contato entre línguas e culturas seria possível ou desejável. O original desapareceria também como original, pois não atuaria como ponte para outros idiomas ou culturas; seria hermeticamente fechado, ininteligível para além do seu círculo de recepção; estaria ao mesmo tempo aquém e além de qualquer tentativa de tradução.

Voltando à pergunta que abre esta seção – “por que falar em intraduzíveis em um volume repleto de traduções?” –, é preciso, como já mencionado, uma certa disposição para lidar com paradoxos. Algumas das críticas mais interessantes recebidas pelo *Dictionnaire*, no entanto, vão além dessa implicância inicial e superficial. Nikki Ernst, por exemplo, em um trabalho ainda não publicado<sup>19</sup>, rebate de forma convincente a pressuposição, por parte de Cassin, de que todas as vertentes da filosofia analítica seriam universalistas e tentariam impor a lógica da língua inglesa às outras línguas. Ernst, abordando mais especificamente a *ordinary language philosophy*, argumenta que o projeto sempre foi voltado à língua inglesa como *uma* língua possível, e que traduções dos grandes volumes dessa corrente filosófica levam (e de fato levaram) a adaptações às línguas em questão. Ele propõe que se utilize, portanto, o termo “*ordinary languages philosophies*”, com ênfase no plural, removendo o ônus de qualquer pretensão à universalidade ou caráter “exemplar” da língua inglesa.

Já Tim Crane chama atenção sobretudo para o que ele vê como o caráter

---

19 Vide nota 45 abaixo.

“francocêntrico” do *Dictionnaire*<sup>20</sup>. Especialmente nos verbetes escritos por Alain Badiou, Crane vê uma elevação da língua francesa como língua de referência, de uma maneira que sugeriria justamente o tal “nacionalismo ontológico” do qual Cassin deseja distanciar-se. Considerando que se trata de um dicionário, e que dicionários, por mais multilíngues, têm uma língua que atua como “língua franca” e fio condutor do volume, o argumento de Crane não se sustenta. Uma interpretação cínica da crítica de Crane insinuaria que o que incomoda é fato de o dicionário não “prestar continência” à língua inglesa e suas principais tradições filosóficas, como o próprio Crane indica em seu artigo<sup>21</sup>. As objeções de Crane são, de todo modo, ilustrativas desse embate linguístico no campo da filosofia e, nesse sentido, interessantes.

Mas é ao pensamento de Lawrence Venuti<sup>22</sup> que dedicaremos uma reflexão de mais fôlego. Publicada em 2016, sua crítica é voltada mais à tradução estadunidense do *Dictionnaire* do que ao original, e gira em torno do uso, pelas autoras e autores, tradutoras e tradutores do *Dictionnaire* para o inglês, dos termos “distorção” e “erro de tradução” (na versão de língua inglesa “distortion” e “mistranslation”). Em suma, Venuti argumenta, de maneira convincente, que não se pode tachar traduções de “distorções” ou “erros de tradução” sem antes pelo menos fazer uma análise comparativa detalhada dos textos de partida e chegada. Essa análise, diz Venuti, deve satisfazer os três critérios a seguir: (I) É preciso haver um texto de partida claro. No caso do *Dictionnaire*, não faltam exemplos de originais perdidos, recuperados justamente em traduções. Qualquer acusação de distorção, argumenta Venuti, torna-se vazia se desprovida de um original indubitável. (II) Unidades textuais mais amplas precisam ser definidas – ater-se ao nível da palavra, meramente por se tratar de um dicionário, não é suficiente.

---

20 CRANE, Tim. “The philosophy of translation”, 2015.

21 Cf. *Ibidem*.

22 VENUTI, Lawrence. “Hijacking translation studies”, 2016.

Ora, quem quer que já tenha traduzido qualquer enunciado banal sabe que traduções, ou antes, estratégias tradutórias, não se atêm ao nível lexical, e que adaptações tradutórias se fazem necessárias com frequência, de modo que somente ao analisarmos o texto completo compreendemos certas decisões tradutórias. (III) Críticas de tradução precisam de um fio condutor, um tema que as norteie – não têm lugar no vácuo. No caso do *Dictionnaire*, Venuti constata, com razão, que esse “fio condutor” é *sempre* a opinião pessoal da autora ou autor do verbete em questão, adicionando que não seria nem realista, nem ético esperar que essa opinião pessoal de especialistas do século XXI coincida, digamos, com a opinião de um tradutor medieval. Venuti oferece exemplos interessantes de análises dos contextos (pessoais, econômicos, intelectuais) dos tradutores e tradutoras que revelariam o porquê de certas decisões tradutórias – gesto que, a seu ver, está completamente ausente do *Dictionnaire*.

A não observância desses três parâmetros, diz Venuti, revelaria o caráter real do projeto, a saber: nada mais do que um decalque daquela ideia surrada de tradução como tentativa invariavelmente frustrada de preservação de um original perfeito e completo; uma ideia de tradução, em outras palavras, como deturpação, deformação, destruição e contaminação dessa completude e perfeição originárias<sup>23</sup>. Um projeto, portanto, essencialista e logocêntrico, pautado por um “modelo instrumental de tradução” (“*instrumental model of translation*”<sup>24</sup>).

Por mais que não concordemos necessariamente com Venuti, a estratégia domesticadora da edição estadunidense – que por razões óbvias não passou despercebida pelo autor<sup>25</sup> – exacerba os pontos criticados. Há, de fato, algumas intervenções dos editores estadunidenses que causam, no mínimo,

---

23 *Ibidem*, p. 198.

24 *Ibidem*, p. 190.

25 *Ibidem*, p. 193.

consternação. Como, por exemplo, quando Emily Apter apresenta a noção de tradução de Michael Wood (um dos editores e autores da versão em língua inglesa do *Dictionnaire*) que se reduziria a uma metáfora rodoviária que evoca a famosa metáfora ferroviária de Eugene Nida, devidamente desconstruída – para não dizer rejeitada – por autoras como Rosemary Arrojo<sup>26</sup>. Ou como quando Apter sugere que traduzir é sentir uma espécie de “angústia” diante de certos aspectos da língua de partida dos quais uma tradução, por melhor que seja, jamais dará conta, e que qualquer resultado obtido será de uma “pobreza” tal que só nos fará sentir saudades da língua de partida<sup>27</sup>. Apter é cautelosa e adiciona que essa ânsia por equivalência é baseada numa “mistificação”, num “sonho” enfim, que não se pode nem mesmo almejar, que dirá realizar<sup>28</sup>. Contudo, o tom é frequentemente nostálgico, e as tais *diferenças*, que são destacadas na versão francesa como algo a se celebrar, aparecem na versão de língua inglesa como perdas que tentamos, a duras penas, engolir.

Mas retornemos à crítica de Venuti, que salienta ainda o caráter “pop” do *Dictionnaire* por ter rendido manchetes em plataformas populares, como o *Huffington Post*, prestando, na opinião dele, um desserviço à tradução ao colocar a intraduzibilidade sob os holofotes, e sublinhando, assim, o caráter inferior, o estigma, enfim, das traduções<sup>29</sup>. É preciso, contudo, compreender a crítica de Venuti em seu projeto intelectual mais amplo. Desde os anos 1990, ele vem tentando chamar atenção para o papel central que a tradução desempenha na área da literatura comparada – papel este que, na visão de Venuti, está apenas começando a ser reconhecido. Nesse sentido, sua crítica precisa ser lida como uma reação ao que para ele nada mais é do que mais uma

26 Cf. APTER, Emily. “Preface”, 2014, p. x. Cf. NIDA, Eugene. *Language strategy and translation*, p. 190. Cf. ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução*, 2007, p. 12.

27 Cf. APTER, Emily. “Preface”, 2014, p. xiv.

28 Cf. *Ibidem*.

29 VENUTI, Lawrence. “Hijacking translation studies”, 2016, p. 194.

publicação que despreza a tradução. Ironicamente, esse enquadramento da crítica de Venuti em seu projeto intelectual mais amplo é o que falta na sua crítica a Cassin, como veremos a seguir.

A crítica de Venuti é contundente, ao menos à primeira vista, mas um olhar mais atento revela inconsistências relevantes. Retomemos aqui os três parâmetros que ele considera essenciais a qualquer crítica séria de tradução, isto é, (i) a necessidade de um texto de partida indubitável, (ii) a obrigatoriedade de uma unidade textual mais ampla do que palavras isoladas e (iii) o caráter indispensável de um fio condutor que não seja anacrônico ou incongruente. (I) Inviabilizar, de imediato, qualquer discussão acerca das traduções disponíveis de termos filosóficos fundamentais, por conta da falta de um texto de partida indubitável, parece precipitado. Além disso, comentar traduções mesmo na ausência de um original claro, como exercício de compreensão da trajetória dessas palavras em suas respectivas tradições filosóficas, parece um exercício totalmente inofensivo e produtivo. Seria plausível argumentar que somente se acreditássemos que o original é justamente completo e perfeito, e “contém” a chave para todas as traduções subsequentes, é que nos agarraríamos a ele como Venuti o faz, invalidando, em nome disso, qualquer tentativa de discussão dessas traduções. O argumento de Venuti não se sustenta no caso específico do *Dictionnaire*, que se constrói em torno de diversas palavras cujos originais não estão disponíveis.

(II) A necessidade de ir além do nível da palavra isolada é plausível, pelo menos no plano teórico. Trata-se aqui, todavia, de um *dicionário*, cuja unidade de organização é *por definição a palavra*. Tomar unidades textuais mais amplas, como textos inteiros, teria impossibilitado esse projeto que já é de fôlego excepcional.

(III) O caráter indispensável de um fio condutor para a crítica tradutória que seja congruente e coerente constitui mais um argumento infalível em

quase todos os contextos; porém, mais uma vez, em se tratando de um dicionário (de 1.600 páginas), analisar os contextos pessoais, intelectuais, econômicos, etc. etc., de centenas de tradutores e tradutoras teria inviabilizado o projeto. Pensemos aqui no conto “Del Rigor en la Ciencia”, de Jorge Luis de Borges: quão detalhado deve ser o nosso mapa? Venuti, como já sugerido acima, exige de Cassin e seu time um tratamento dos contextos e projetos intelectuais de cada uma das tradutoras e tradutores cujas traduções figuram nas centenas de verbetes do *Dictionnaire*, mas ele mesmo não estende essa “cortesia” a Cassin ao jogar o projeto inteiro dentro do saco do logocentrismo e do essencialismo, sem considerar o projeto filosófico da filósofa, que vai justamente na contramão dessas tendências.

Ao fim e ao cabo, a visível irritação de Venuti parece mais uma questão de epistemologia do que de tradução. Ora, ele mesmo fala em “*weak, entropic interpretations*” ao referir-se a traduções de Rilke no mesmo texto<sup>30</sup>. Sendo assim, “interpretações frágeis e entrópicas” seriam um epíteto mais adequado para essas traduções do que “distorções” e “erros de tradução”? Por quê? Os chamados estudos da tradução não seriam capazes de superar o tabu dos “erros de tradução” e aceitar que os méritos relativos de traduções sejam debatidos abertamente, sempre salientando a importância das diferenças entre traduções e entre línguas?

Sob o aspecto do multilinguismo e das políticas linguísticas e tradutórias, Cassin e Venuti têm o *mesmo* objetivo: celebrar o multilinguismo e as diferenças entre línguas e traduções; celebrar as traduções como tentativas de obtenção de terreno comum, de pontos de convergência<sup>31</sup>, e como a única maneira de realmente facilitar a comunicação entre línguas e culturas<sup>32</sup>. Não uma língua franca que ignore essas diferenças, não a idealização de uma

---

30 *Ibidem*, 195.

31 Cf. *Ibidem*, 204.

32 Cf. CASSIN, Barbara. “Présentation”, 2004, p. xvii.

única língua como completa, originária e acima dessas diferenças, mas sim o embate, o cotejo, o conflito, o paralelo entre essas diferenças.

Para além disso, os argumentos de Venuti – não nos esqueçamos, baseados no que ele vê como o uso excessivo e problemático de termos como “*distortion*” e “*misstranslation*” – parecem algo exagerados diante do fato de que a versão em língua inglesa do *Dictionnaire* contém a palavra “*mistranslate*” em todas as suas flexões *quatro* vezes, enquanto “*distortion*” aparece *nove* vezes.

Podemos responder à segunda pergunta posta mais acima – será que “os ‘intraduzíveis’ de fato se pautariam por uma noção logocêntrica e *passé* de tradução, como sugere, por exemplo, Lawrence Venuti?” – com um claro: “Não”. Falar em intraduzíveis hoje não é, de modo algum, esperar que haja equivalência perfeita entre línguas, ou lamentar-se da inexistência da equivalência, ou endeusar textos originais e línguas de partida como perfeitas e completas. Essas expectativas são incompatíveis tanto com o *Dictionnaire* quanto com a visada filosófica de Cassin. Falar em intraduzíveis requer, no entanto, disposição para pensar além dos limites – perdoem a generalização crassa – das convenções de língua inglesa. Requer, portanto, disposição para aceitar paradoxos e argumentações não lineares; para tolerar tensões e contradições que não podem ser resolvidas – e que nem tampouco pretendemos resolver. As palavras reunidas no *Dictionnaire* são, sim, traduções, e permanecem, ao mesmo tempo, intraduzíveis.

#### 4. As intraduções de Augusto de Campos

Com essa noção mais benévolas e contemporânea de intraduzibilidade em mente, avancemos para as “intraduções” de Augusto de Campos. O prefixo “*un-*” em “*untranslatable*”, o termo ao qual Venuti se opõe tão

veementemente, de fato é carregado de negatividade – é impossível superar seu caráter antonímico. Já o “in-”, tanto em “*intraduisibles*” quanto em *intraduzíveis*, abre trilhas semânticas para além da antonímia, e a feliz coincidência da junção com a sílaba “tra” produz, nas duas línguas, um jogo entre “in-” e “intra-”, sugerindo conotações que transcendem a mera negação do “*un-*” inglês. “In-”, a partir da mesma partícula em latim, pode ser negação, mas pode também evocar as ideias de “superposição, aproximação, transformação”; pode ter “valor intensivo, de movimento para dentro, de permanência, de tendência”<sup>33</sup>. Já “intra-”, também do latim, sugere “dentro de, durante, próximo ao centro, interiormente”<sup>34</sup>. A comparação entre *intraduisibles*, *intraduzíveis* e *untranslatable*s ilustra, de maneira formidável, as diferenças entre essas línguas no sentido que o *Dictionnaire* almeja exaltar. É uma dessas coincidências tão fabulosas quanto à identificada por Mary Snell-Hornby com relação à falta de equivalência entre as palavras “*equivalence*”, em inglês, e “*Äquivalenz*”, em alemão<sup>35</sup>.

No caso específico do termo “*intraduzíveis*”, em português, há uma coincidência adicional que enriquece ainda mais suas cadeias de significação, a saber: o paralelo com o termo “*intradução*”, cunhado por Campos. Santoro, um dos organizadores da tradução do *Dictionnaire* para o português, chama atenção para essa coincidência. Inspirado nos escritos de Ezra Pound, Campos propôs o termo “*intradução*” em 1974, na coletânea *Viva Vaiá*, para sublinhar o caráter “intermediário” da tradução, “intra-” como algo entre línguas e textos, algo no meio do caminho. “*Intradução*” sugere também a ideia de intervenção, intromissão, “*introdução*”, assim como também “*introdução*” no sentido de primeiro passo, abertura. Claro que a antonímia está presente em “*intradução*” também, no sentido de

---

33 Cf. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* 3.0.

34 *Ibidem*.

35 Cf. SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies*. 1995, p. 15-22.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

distingui-la da tradução com T maiúsculo. Porém, a polissemia do “in-” e “intra-” vai além da mera antônima, como assinalado acima. De fato, num ensaio dos anos 1980, Campos designaria uma “intradução” sua do famoso poema “l(a”, de e.e. cummings, como possível “não-tradução”, “tradução interna ou interior ou íntima”<sup>36</sup>. (Digo “possível”, pois essas expressões vêm seguidas de um ponto de interrogação.) Já numa entrevista mais recente, Campos delineia as “intraduções” da seguinte maneira:

Em casos mais específicos (...), tenho usado o termo ‘intradução’ (jogando com os significados de ‘in’ e ‘intra’) para destacar essas ‘intromissões’ artísticas em obra alheia – ‘intervenções’ se poderia dizer também, abrangendo a acepção de alterar a ordem natural ou habitual de um fato.<sup>37</sup>

As “intraduções” são apenas um dos muitos e famosos neologismos tanto de Augusto quanto de Haroldo de Campos, cujo intuito era invariavelmente apresentar traduções como reinterpretações, reinvenções, recriações sempre inventivas<sup>38</sup>.

A primeira seção de *Viva Vaia* intitula-se justamente “intraduções”, e inclui poemas escritos entre 1974 e 1977. O primeiro deles, “intradução”, é uma tradução de um poema do trovador provençal Bernart de Ventadorn – talvez uma das traduções mais icônicas do poeta<sup>39</sup>. Publicações subsequentes de Campos incluem mais “intraduções”, como nas obras *Despoesía* (1994), e *Não Poemas* (2003). O que essas “intraduções” têm em comum são os elementos fortemente visuais e intersemióticos, o trabalho tipográfico, assim como o recorte e a intercalação de fragmentos do original e da tradução.

---

36 CAMPOS, Augusto de. “Introdução”, 1986, p. 28-29.

37 Augusto de Campos, *apud*. SANTORO, Fernando. “Intraduction”, 2014, p. 174.

38 Cf. LEAL, Alice e STRASSER, Melanie. “Anthropophagy”, 2020, p. 211.

39 Cf. GÓMES, Isabel. “Anti-Surrealism? Augusto de Campos ‘untranslates’ Spanish-American poetry”. 2018, p. 381.

Retomando a terceira pergunta sugerida na introdução deste artigo, os intraduzíveis de Cassin *podem, sim*, ser lidos à luz das “intraduções” de Campos, como traduções temporárias, sugestões, enfim, inevitavelmente presas entre línguas e oriundas de intervenções tradutórias. O paralelo entre os dois conceitos enriquece-os mutuamente e, tendo em vista sobretudo as críticas ao *Dictionnaire* delineadas acima, afasta os intraduzíveis ainda mais de qualquer concepção essencialista e logocêntrica de tradução. As felizes intersecções entre os intraduzíveis de Cassin e as “intraduções” de Campos convidam a aprofundarmos a pesquisa e a reflexão.

## 5. A temporalidade das “intraduções” e dos intraduzíveis

A partir da argumentação de Santoro, a “intradução” de Campos “pode ser lida segundo uma etimologia voltada para o passado ou voltada para o futuro”<sup>40</sup>. Proponho aqui, à luz das intersecções entre as “intraduções” e os intraduzíveis discutidas acima e inspirada na proposta de Santoro, *três* dimensões de natureza espaço-temporal híbrida e não linear – três dimensões concomitantes, portanto, que se determinam mutuamente.

A primeira dimensão é a da “in•tradução” / “in•traduzível”. É negativa e antonímica, e refere-se, como Santoro sugere<sup>41</sup>, ao olhar retrospectivo lançado sobre uma tradução feita. Ora, qualquer tradução envolve “obstáculo[s]”, “aporia[s]”<sup>42</sup>; voltamos aqui ao paradoxo derridiano do traduzível-intraduzível mencionado acima. No entanto, traduções e retraduções existem e continuarão existindo a despeito dos obstáculos e aporias do caminho e, portanto, seria um erro entender “in•tradução” e “in•traduzível” como meras negações da possibilidade efetiva de traduzir.

---

40 Cf. SANTORO, Fernando. “Intraduction”, 2014, p. 176.

41 Cf. *Ibidem*.

42 *Ibidem*, p. 178.

A segunda dimensão é a da “intra•dução” e do intra•duzível. É a da relação, do presente, da “passagem” e da “travessia” entre línguas<sup>43</sup>. O prefixo “intra” remete tanto ao interior dessa jornada e dessa relação quanto à ideia da tradução como eixo espacial e temporal.

Já a terceira dimensão aponta para um aspecto adicional e positivo da “intra•dução” e do intra•duzível – como contraponto direto à primeira dimensão, antonímica, negativa e nunca satisfeita com os produtos das traduções. Aqui, o “intra” remete a “uma tomada de consciência entre as diferentes línguas na elaboração do pensamento filosófico e finalmente da consciência da língua em si mesma para as filosofias”<sup>44</sup>. Em outras palavras, um olhar sobre o pensamento filosófico de uma determinada língua / cultura revela o papel fundamental desempenhado por traduções – e até por erros de tradução, sem querer fazer uma provocação ao pensamento de Venuti – no desenvolvimento desse mesmo pensamento filosófico.

Podemos, portanto, pensar as dimensões acima – a negativa, a da relação e a positiva – também em termos dos tempos passado, presente e futuro, respectivamente. O olhar retrospectivo sobre a tradução revela a impossibilidade da tarefa; o passado da tradução é a memória da falta de equivalência. Já o presente da tradução é o espaço da relação entre original e tradução – se pudéssemos apertar o botão de “pausa” no instante em que traduções são engendradas, teríamos, por um instante, esse espaço compartilhado que culmina no final de uma travessia, ela mesma interminável ou sempre passível de ser retomada. Por fim, a consciência das diferenças entre as línguas e traduções, e das diferenças de seus papéis em suas respectivas tradições filosóficas, pode ser compreendida como um olhar para o porvir, para a cadeia de significação que sempre continua, que é *Energeia* inabalável, nunca *Ergon*.

---

43 *Ibidem*.

44 *Ibidem*, p. 180.

Em vez dessa noção linear de temporalidade, proponho aqui, porém, uma dupla temporalidade, delineada em torno do pensamento de Walter Benjamin, Jacques Derrida e Emmanuel Levinas<sup>45</sup>. Benjamin sublinha o *spät* ou *später Kommen* (o “vir mais tarde” ou “chegar tarde”) da tradução – ela inevitavelmente vem *depois* do original. Mas ele também ressalta o papel da tradução na sobrevivência do original, como “*überleben*”, “*fortleben*” – termos que vão além da mera sobrevivência, sugerindo um “viver mais”, um “continuar vivendo”, um “perviver”<sup>46</sup>, na tradução de Haroldo de Campos. Nesse sentido, a tradução como retrospectiva, tardia e passada anuncia e prenuncia o presente e o futuro do original. Aqui, como nas concepções de Derrida e Levinas que serão expostas a seguir, não se aplica uma temporalidade linear: passado, presente e futuro são vislumbrados simultaneamente.

Em Derrida, a dupla temporalidade se manifesta nas tensões, *double-binds* e paradoxos que permeiam sua obra. Neste artigo já nos deparamos com o traduzível-intraduzível, mas há inúmeros outros – em trabalhos recentes, debrucei-me sobre o paradoxo unidade-multiplicidade no contexto das ciências políticas<sup>47</sup>. Nesses paradoxos, a temporalidade que está em jogo transcende a mera existência de dois extremos *ao mesmo tempo*; trata-se de uma existência concomitante, complementar e conflituosa, em que um polo tenta incansavelmente negar – mesmo aniquilar – o outro, mas por fim acaba se nutrindo e se afirmando nessa negação. Podemos pensar aqui no princípio de reversibilidade como explicado por Rodolphe Gasché: os polos de jogos dicotômicos encontram confirmação e identificação um no

---

45 Por falta de espaço, essa reflexão filosófica terá de ser breve. Agradeço aqui a Lisa Foran, Samir Haddad e Saša Hrnjež por suas falas no simpósio “Philosophy in/on translation”, em setembro de 2021, que inspiraram e, alguns pontos, determinaram, a reflexão que se segue. As falas podem ser acessadas aqui: [https://www.youtube.com/channel/UCVrT\\_Ndrdt6m6F4aecnjWGw/playlists](https://www.youtube.com/channel/UCVrT_Ndrdt6m6F4aecnjWGw/playlists).

46 Cf. BENJAMIN, Walter. “Die Aufgabe des Übersetzers”, 2001; cf. CAMPOS, Haroldo de. “Tradução e reconfiguração: o tradutor como transfigidor”, 2015, p. 113.

47 Cf. LEAL, Alice. *English and translation in the European Union*, 2021.

outro, e esse “regresso” ao outro é também um passo adiante<sup>48</sup>.

Já Levinas aborda a temporalidade dupla, de um lado, em termos de uma temporalidade sincrônica, no sentido da nossa experiência tradicional do tempo, da passagem das horas, da história, da memória e, de outro, em termos de uma temporalidade diacrônica, como uma espécie de tempo irrecuperável que nunca pode ser presente, como um passado que deixa marcas que só se manifestam no presente, como rugas em nossa face<sup>49</sup>.

Com essas noções de dupla temporalidade em mente, e sem esquecer as dimensões temporais e espaciais das “intraduções” (Campos) e dos intraduzíveis (Cassin), comentadas acima, voltemos à quarta e penúltima pergunta feita na Introdução deste trabalho. Como as “intraduções” e os intraduzíveis se enquadram na temporalidade de uma dada palavra? As reflexões desta seção abrem portas para múltiplas constelações possíveis. Os verbetes que compõem o *Dictionnaire* – ou seja, os intraduzíveis – são traduções e “intraduções” ao mesmo tempo. São tentativa (frustrada) de equivalência, são intromissões, são introduções, são fragmentos, e são originais. O passado da tradução aponta para o original; é o olhar retrospectivo que revela a “tardividade” da tradução e confirma tanto a impossibilidade da tarefa (original e tradução nunca são exatamente iguais), quanto sua plena possibilidade (a tradução está, afinal, feita). O presente da tradução é o espaço da relação entre original e tradução e suas respectivas línguas; é um espaço de travessia que parece se desenrolar diante dos nossos olhos. O futuro da tradução são as novas cadeias de significação postas em movimento e seus desdobramentos não só no pensamento filosófico em questão, mas também na respectiva língua como um todo, no sentido da *diférance* e dos traços ou vestígios deixados. As retraduções são também o futuro da tradução, como uma espécie tanto de sobre-viver benjaminiano, quanto de confirmação do

48 Cf. GASCHÉ, Rodolphe. “This little thing that is Europe”, 2007.

49 Cf. LEVINAS, Emmanuel. *Otherwise than being or Beyond essence*, 2011.

jogo de significação que continua permanentemente. *Energeia*.

Podemos agora resumir a questão da temporalidade da palavra com a ajuda de Santoro: “A palavra resultante da tradução não é uma nova maneira de não dizer exatamente o que queria dizer a palavra original. Ela também é uma maneira original de dizer a coisa, e assim também torna-se uma coisa original”<sup>50</sup>. Se pensarmos os termos “original” e “tradução” como designações de passado e futuro, e a travessia entre os dois como determinação de presente, compreenderemos como a rede de traduções documentada no *Dictionnaire* abarca essas diferentes dimensões ao mesmo tempo, de modo que a linearidade se torna não só impossível, mas também indesejável. Voltando à crítica de Venuti acima quanto à ausência de originais, fica fácil entender por que uma discussão aprofundada sobre uma série de traduções cujo original não pode ser identificado permanece, a despeito dessa ausência, profícua.

## 6. Considerações finais

Voltemos à última pergunta posta na introdução. Faz sentido falar de intraduzibilidade hoje – ou qualquer menção nesse sentido presta um desserviço aos estudos da tradução em sua busca incansável por legitimidade e reconhecimento no campo das Ciências Humanas? Como argumentado acima, o reenquadramento da noção de intraduzibilidade proposto por Cassin – de um quadro logocêntrico e essencialista para um quadro antiessencialista alinhado ao pensamento contemporâneo – viabiliza e legitima o ressurgimento desse termo tão controverso nos estudos da tradução. E o fato de esse ressurgimento acontecer *em francês* enaltece seus efeitos possíveis no sentido de uma oposição à hegemonia do inglês e uma

---

50 Cf. SANTORO, Fernando. “Intraduction”, 2014, p. 170.

rejeição do epistemicídio<sup>51</sup> – o fato de que alguns anglófonos reajam de forma vigorosa é o mínimo que podemos esperar.

Legitimidade e reconhecimento têm de ser concedidos por outros – no caso da pergunta acima, por outras disciplinas das Humanidades. Uma das conclusões do simpósio “Philosophy in/on translation”, de setembro de 2021, foi a seguinte: É verdade que especialistas em tradução nem sempre têm conhecimentos avançados em áreas relevantes das Ciências Humanas – sobretudo naquelas culturas acadêmico-institucionais que primam por uma concepção do campo dos estudos da tradução como radicalmente independente de quaisquer outras disciplinas. Porém, o grau de aceitação dos estudos da tradução em outras disciplinas das Humanidades – entre elas, certamente a filosofia – é sem dúvida mais baixo. Ora, reconhecimento exige contato e convencimento da relevância mútua. A publicação de uma obra como o *Dictionnaire* é um desses momentos ou espaços de encontro entre os campos dos estudos da tradução e da filosofia. Momentos assim oferecem possibilidades de crescimento e aprendizado e, sobretudo, de abertura da respectiva epistemologia e de reavaliação de dogmas. Nesse sentido, falar em intraduzíveis é não só uma oportunidade de repensar e retraçar a trajetória dessa palavra nos estudos da tradução, mas também uma maneira produtiva de dar a devida atenção à tradução e aos estudos da tradução na filosofia – uma área que só existe como a conhecemos hoje graças à tradução.

## Referências

APTER, Emily. “Preface”. *Dictionary of untranslatability: A philosophical lexicon*. Ed. Barbara Cassin, et al. Princeton & Oxford: Princeton UP, 2014, p. vii-xvi.

---

51 Vide nota 8 acima.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.

BENJAMIN, Walter. “Die Aufgabe des Übersetzers”. *Clássicos da teoria da tradução*. Ed. Werner Heidermann. Trad. Susana Kampff Lages. Vol. 1. Florianópolis: UFSC, 2001, p. 188-215.

CAMPOS, Augusto de. “Introdução”. cummings, e.e. *40 Poem(a)s*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 25-33.

CAMPOS, Haroldo de. “Tradução e reconfiguração: o tradutor como transfingidor”. Orgs. Marcelo Tápia & Thelma Médici Nóbrega. *Haroldo de Campos. Transcriação*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 109-30.

CASSIN, Barbara. “De l'intraduisible en philosophie”. *Rue Descartes* 14, 1995.

CASSIN, Barbara (ed.). *Vocabulaire européen des philosophies: Dictionnaire des intraduisibles*. Ed. Barbara Cassin. Paris: Seuil / Dictionnaires le Robert, 2004a.

CASSIN, Barbara. “Présentation”. *Vocabulaire européen des philosophies: Dictionnaire des intraduisibles*. Ed. Barcara Cassin. Paris: Seuil & Dictionnaires le Robert, 2004b, p. xvii-xxii.

CASSIN, Barbara. “Introduction”. *Dictionary of Untranslatables: A Philosophical Lexicon*. Ed. Barbara CASSIN, et al. Trad. Michael Wood. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2014a, p. xvii-xx.

CASSIN, Barbara. *Philosopher en langues : Les intraduisibles en traduction*. Ed. Barbara Cassin. Paris: Rue d'Ulm, 2014b.

CASSIN, Barbara. *Éloge de la traduction : Compliquer l'universel*. Paris: Fayard, 2016.

CRANE, Tim. "The philosophy of translation". *Times Literary Supplement* 28 January 2015. Disponível em <https://www.the-tls.co.uk/articles/the-philosophy-of-translation/>. Acesso em 01 abril 2022.

DERRIDA, Jacques. "What is a 'relevant' translation". *Critical Inquiry* 27.2. 2001: p. 174–200.

GASCHÉ, Rodolphe. "This little thing that is Europe". *CR: The New Centennial Review* 7.2, 2007: p. 1–19.

GÓMEZ, Isabel. "Anti-Surrealism? Augusto de Campos 'untranslates' Spanish-American poetry". *Mutatis Mutandis* 11.2. 2018: p. 376-399.

GRAMSCI, Antonio. *Prison notebooks*. Introd. Joseph A. Buttigieg. Trad. Joseph A. Buttigieg & Antonio Callari. New York: Columbia UP, 1992.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin: Dümmler, 1836.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Schriften zur Sprachphilosophie*. Ed. Andreas Flitner. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1963.

LEAL, Alice. "Equivalence". *The Routledge handbook of translation and philosophy*. Ed. Piers Rawling e Philip Wilson. London & New York: Routledge, 2019, p. 224-242.

LEAL, Alice. *English and translation in the European Union: Unity and multiplicity in the wake of Brexit*. London & New York: Routledge, 2021.

LEAL, Alice & STRASSER, Melanie. "Anthropophagy". *Routledge encyclopedia of translation studies*. Ed. Mona Baker e Gabriela Saldanha. London & New York: Routledge, 2020, p. 19-22.

LEVINAS, Emmanuel. *Otherwise than being or Beyond essence*. Trad. Alphonso Lingis. Pennsylvania: Duquesne UP, 2011.

NIDA, Eugene. *Language structure and translation: Essays*. Stanford: Stanford UP, 1975.

SANTORO, Fernando. “Intraduction : La traduction de la philosophie rencontre les défis de la traduction poétique”. *Philosopher en langues : Les intraduisibles en traduction*. Ed. Barbara Cassin. Paris: Rue d’Ulm, 2014, p. 167-182.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Course in general linguistics*. Ed. Charles Bally, Albert Sechehaye e Albert Riedlinger. Trad. Roy Harris. Illinois: Open Court, 1986.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersezens / Sobre os diferentes métodos de traduzir”. *Clássicos da teoria da tradução*. Ed. Werner Heidermann. Trad. Celso R. Braida. Vol. 1. Florianópolis: UFSC, 2001, p. 26-85.

SNELL-HORNBY, Mary. *Translation Studies: An integrated approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

STEINER, George. *After Babel: Aspects of language and translation*. Oxford: Oxford UP, 1998.

VENUTI, Lawrence. “Hijacking translation: How comp lit continues to suppress translated texts”. *boundary 2* 43.2. 2016: p. 179-204.

VÉSGÖ, Roland. “Current trends in philosophy and translation”. *The Routledge handbook of translation and philosophy*. Ed. Philip Wilson e Piers Rawling. London & New York: Routledge, 2019, p. 157-170.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

Submissão: 02/03/2022  
Aceite: 15/06/2022

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e87024>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*